

A língua de Eulália

Roteiro para dramatização

(Adaptação: Rogério Cavalcanti)

Obra de referência:

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália:** novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2006.

Personagens:

- Vera, 21 anos, estudante de Letras;
- Sílvia, 21 anos, estudante de Psicologia;
- Emília, 19 anos, estudante de Pedagogia;
- Irene, tia de Vera, professora universitária aposentada de língua portuguesa e lingüística;
- Uma professora vestida “a caráter” (cabelo preso, óculos grosso, saia e blazer e, na mão, uma régua comprida ou varinha).

CENA 1 – As três estudantes da capital desembarcam na rodoviária de Atibaia, interior de São Paulo.

As três estudantes chegam da capital paulista e desembarcam na rodoviária. Elas estão carregando bagagens (malas ou mochilas). Elas entram no palco como se estivessem saindo do ônibus e iniciam uma conversa animada sobre o ar puro do interior:

VERA – Respirem fundo. Já sentiram a diferença do ar?

SÍLVIA – (Respirando profundamente) Já. E que diferença! Nem parece que estamos tão perto de São Paulo e de toda aquela poluição...

EMÍLIA – (Balançando a cabeça) É mesmo. Que ar puro! Nós iremos passar umas boas férias aqui.

VERA – Nem me fale! É bom dar um tempo da faculdade. (Todas concordam com a afirmação de Vera) – Estava mesmo precisando de umas férias.

SÍLVIA – Como faremos para chegar na casa da sua tia Irene, Vera?

VERA – Pegaremos um táxi e logo chegaremos na chácara onde ela mora. Não se preocupe. Minha tia é uma ótima pessoa. Vocês irão gostar dela.

EMÍLIA – Ela mora sozinha?

VERA – Ela mora com Eulália. É a pessoa mais querida do universo. Eu simplesmente amo ela...

EMILIA – (Rindo sarcasticamente) A “moela” é um órgão das galinhas, meu bem...

VERA – Não enche Emília, a gente “estamos” de férias, “ta bão”?

EMÍLIA – Isso não é desculpa. Uma professora deve estar sempre alerta.

SÍLVIA – (Mudando de assunto) Você disse que sua tia Irene é professora universitária?

VERA – Professora de língua portuguesa e lingüística. Ela se aposentou a cinco anos.

SÍLVIA – Ela não sente falta do trabalho?

VERA – Ela continua estudando, pesquisando, escrevendo. Toda vez que venho aqui ela comenta sobre um artigo que está escrevendo ou um livro que está preparando. Minha tia é uma pessoa muito respeitada lá na faculdade. (Todas fazem sinal com a cabeça de que ficaram impressionadas)

VERA – Vamos. Logo ali na frente tem um ponto de táxi. (Vera sai do palco pelo outro lado, acompanhada pelas outras personagens)

CENA 2 – Depois do almoço, as 3 estudantes saem para passear na chácara com Irene.

As três estudantes começam a observar o jardim o qual estava muito bem cuidado. Irene as acompanha o tempo todo:

SÍLVIA – (Admirada) A senhora tem um lindo jardim, dona Irene!

IRENE – Agradeço os elogios para o jardim, só que você vai ter que cumprimentar a Eulália. Ela é quem cuida das flores. Eu sou um fracasso na jardinagem. A Eulália, não. Ela tem um “dedo verde”. Basta tocar numa planta para ela ficar toda bonita. É uma coisa impressionante.

EMÍLIA – Foi ela também que preparou o almoço, não foi?

IRENE – Foi ela sim. E como ela cozinha bem, não é mesmo? (Todos concordam)

SÍLVA – Parece que a Eulália é muito prendada.

IRENE – Prendada? A Eulália é um poço de conhecimento e sabedoria. Todo dia aprendo uma coisa nova com ela.

EMÍLIA – Pode até ser. Mas ela fala tudo errado. Isso para mim estraga qualquer sabedoria.

SÍLVIA – Eu tive que me segurar para não rir quando ela disse aquelas coisas na mesa.

VERA – Que coisas?

EMÍLIA – Ela disse assim: “os pobrema”, “os fósfro”, “môio ingrês”...

SÍVIA – É mesmo. O mais engraçado foi quando ela disse “percurá os hôme”. (Silvia e Emília riem)

IRENE – (Aparentando estar séria. Virando-se para Sílvia e Emília) A fala da Eulália não é errada: é diferente. É o português falado por uma classe social diferente da nossa, só isso.

EMÍLIA – Para mim é errado.

IRENE – É errado dentro das regras da gramática que você fala. Mas na língua de Eulália, que é o português não-padrão, essas regras não funcionam.

VERA – Português não-padrão? Que coisa é essa, tia?

IRENE – (Suspirando e sorrindo) Essa é uma história comprida e não dá para contar aqui agora, no jardim.

VERA – Mas agora eu fiquei curiosa. Quero saber mais sobre esse português não-padrão que é falado pela Eulália.

SÍLVIA – Eu também.

EMÍLIA – E eu mais ainda. Quero ver me convencer que a Eulália não fala errado.

IRENE – Vamos combinar o seguinte: Hoje à noite, a gente se reúne na sala, perto da lareira e bate um longo papo sobre esse assunto. Enquanto isso, Vera, leve as meninas para passear por aí. Combinado?

VERA – Combinado. (Irene sai por um lado e Vera, seguida pelas amigas, saem pelo outro lado do palco).

CENA 3 – Irene e as estudantes se reúnem na sala de estar, em frente à lareira. No centro, uma mesinha com um bule de chá, canecas de louça branca, um prato com biscoitos e um bolo. Todas estão enroladas em cobertores, com frio.

Irene remexe uns papeis no seu colo e se prepara para dar uma aula sobre as diferenças entre as línguas padrão e não-padrão faladas no Brasil. Eventualmente alguém pega um biscoito na mesa, outro toma um gole de chá e come um pedaço de bolo.

SÍLVIA – E então, a aula sobre o tal português não-padrão começa ou não começa?

IRENE – (Endireitando-se na cadeira) Tudo bem. Vamos começar. Me respondam: quantas línguas se fala no Brasil? (Faz-se silêncio na sala. As três, tímidas, não arriscam dar a resposta)

EMÍLIA – (Cutucando Vera) Vera, responde aí. Você que faz Letras...

VERA – (Pigarreando) Bom, o que a gente aprende na escola é que, no Brasil, só se fala o português.

SÍLVIA – Isso mesmo. No Brasil se fala português de Norte a Sul.

IRENE – É a resposta que eu esperava. Mas não tinha que ser diferente. É assim mesmo que aprendemos na escola. No Brasil existe um mito que há muito tempo vem causando estragos na nossa educação.

VERA – Que mito é esse, tia?

IRENE – É o mito da unidade lingüística do Brasil. (As estudantes se entreolham surpresas. Irene prossegue) – O mito da unidade lingüística do Brasil pode ser resumido na resposta que a Vera e a Silvia me deram agora há pouco: “No Brasil só se fala o português”. Isso é um idéia falsa, sem correspondente na nossa realidade.

EMÍLIA – Quer dizer que a resposta delas é falsa, mentirosa?

IRENE – Exatamente.

VERA – Por que, tia?

IRENE – Primeiro porque no Brasil não se fala uma só língua. Existem várias línguas faladas em várias regiões diferentes do país por populações indígenas e imigrantes também.

VERA – Mas a língua mais usada, mais falada, mais escrita é mesmo o português.

IRENE – Pode ser, mas mesmo sem falar dos índios e dos imigrantes, nem por isso a gente pode dizer que no Brasil só se fala uma única língua. Não existe nenhuma língua que não seja uma só.

EMÍLIA – (Espantada) Como assim? Que quer dizer isso?

IRENE – Isso quer dizer que aquilo que a gente se acostumou a chamar de português não é um bloco compacto, sólido e firme, mas sim um conjunto de variedades lingüísticas. Já percebeu as diferenças entre o modo de falar do português e do brasileiro? De que tipo são essas diferenças?

(Apagam-se as luzes. Os personagens ficam congelados. Projeta-se no telão um resumo do quadro da página 19. A professora entra sob uma luz que a destaca e lê os slides como que explicando a lição. Apaga-se o telão. A professora sai de cena. A luzes se acendem e a cena da conversa de Irene com as estudantes continua).

IRENE – Tudo bem até agora?

SÍLVIA – Tudo bem.

IRENE – Essas e outras diferenças também existem entre o português falado no Norte-Nordeste do Brasil e o falado no Sul, por exemplo. Ainda tem as diferenças entre o jeito de falar do carioca e do paulista, do mineiro e do baiano. E assim por diante.

(Irene faz uma pausa, toma um gole de chá e continua)

IRENE – A coisa não pára por aí. A língua também fica diferente quando é falada por um homem ou por uma mulher, por uma criança ou por um adulto, por uma pessoa alfabetizada ou por uma não alfabetizada, por uma pessoa de classe baixa ou por uma pessoa de classe alta ou média, por um morador da cidade ou por um morador do campo e assim por diante. Isso são variedades da nossa língua portuguesa.

EMÍLIA – E cada uma dessas variedades equivale a uma língua?

IRENE – Mais ou menos. É como se cada pessoa falasse uma língua só sua...

EMÍLIA – Já entendi. É o mesmo que acontece com a letra da gente, não é? Cada um tem a sua letra, o seu jeito de escrever, que é único e exclusivo, mas que ao mesmo tempo pode ser lido e entendido pelos outros.

IRENE – Excelente comparação, Emília, parabéns. Cada pessoa tem a sua língua própria e exclusiva, mas também não pode deixar que ela a separe da comunidade em que está inserida. Deu para entender o que é uma variedade?

SÍLVIA – Deu sim. É até mais fácil do que eu pensava.

IRENE – Mas a coisa pode ficar ainda mais complicada...

VERA – Como assim, tia?

IRENE – Porque toda língua, além de variar geograficamente, no espaço, também muda com o tempo. A língua que se fala hoje no Brasil é diferente da falada antes na colonização, por exemplo.

SÍLVIA – Parece lógico. Todas as coisas mudam. Por que a língua não mudaria?

IRENE – É por isso que dizemos que toda língua muda e varia. Quer dizer, muda com o tempo e varia no espaço. É por isso que também não existe a língua portuguesa.

EMÍLIA – (Admirada) Ah, não? Então o que é que existe?

IRENE – Existe um pequeno número de variedades do português que servem de base para a elaboração uma norma-padrão. A norma-padrão é aquele modelo ideal de língua que deve ser utilizado pelas autoridades, pelos órgãos oficiais, pelas pessoas cultas, pelos escritores e jornalistas, aquele que deve ser ensinado e aprendido na escola.

SÍLVIA – E o que é que a norma-padrão tem mais que as outras formas de falar o português?

IRENE – Ela tem mais palavras eruditas, tem mais termos técnicos, tem um vocabulário maior e mais diversificado que dão um ar nobre à linguagem.

SÍLVIA – Então essa norma-padrão é o que a gente chama de língua portuguesa?

IRENE – Exato. Quando se estabelece uma norma-padrão, ela ganha tanta importância e tanto prestígio social que todas as outras variedades são consideradas “impróprias”, “inadequadas”, “feias”, “erradas”, “deficientes”, “pobres”, como se ela fosse a única representante legítima e legal dos falantes desta língua.

VERA – E quem fala o português não-padrão?

IRENE – É a língua da grande maioria pobre e dos analfabetos. É também a língua das crianças pobres e carentes que freqüentam as escolas públicas.

EMÍLIA – E isso é grave para a educação?

IRENE – Claro que sim. Esses preconceitos fazem com que a criança que chega à escola falando o português não-padrão seja considerada deficiente lingüística, quando na verdade ela simplesmente fala uma língua diferente daquela que é ensinada na escola.

EMÍLIA – Eu nunca tinha pensado nisso.

IRENE – Muitos professores tratam o aluno pobre como se ele não falasse língua nenhuma. Isso cria um sentimento de rejeição e o aluno fica desestimulado a aprender, e o professor, desestimulado a ensinar.

EMÍLIA – Vai ver que é por isso que tantas crianças pobres abandonam a escola.

IRENE – É claro. Por que são desprezadas e por serem obrigadas a assimilar uma língua totalmente estranha para elas. Por isso, meninas, a escola precisa mudar o jeito preconceituoso de encarar o português não-padrão, sendo uma tarefa de todos os professores.

(Apagam-se as luzes. Os personagens ficam congelados. Projeta-se no telão um resumo do quadro da página 36. A professora entra sob uma luz que a destaca. Ela lê os slides e explica com detalhes a lição. Apaga-se o telão. A professora sai de cena. As luzes se acendem e os atores se levantam e se despendem de mãos dadas reverenciando o público).